

QUANDO AS IMAGENS ARDEM: FOTOGRAFIA, NARRATIVAS E FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Admir Soares de Almeida Junior
Guilherme do Val Toledo Prado

RESUMO

O presente trabalho tem como tema o Estágio Supervisionado no processo de formação inicial de professores de Educação Física, destacando a produção de registros das atividades desenvolvidas através da produção de imagens fotográficas e narrativas orais. Buscamos apresentar e discutir alguns indícios das aprendizagens produzidas e vivenciadas pelos acadêmicos. Para tanto, lançou-se mão de uma estratégia metodológica que buscou articular os registros produzidos pelos acadêmicos, dando ênfase ao papel das imagens fotográficas como potencializadoras de processos de reflexão da experiência vivida.

Palavras-Chaves: Estágio Supervisionado; Imagens Fotográficas; Narrativas.

ABSTRACT

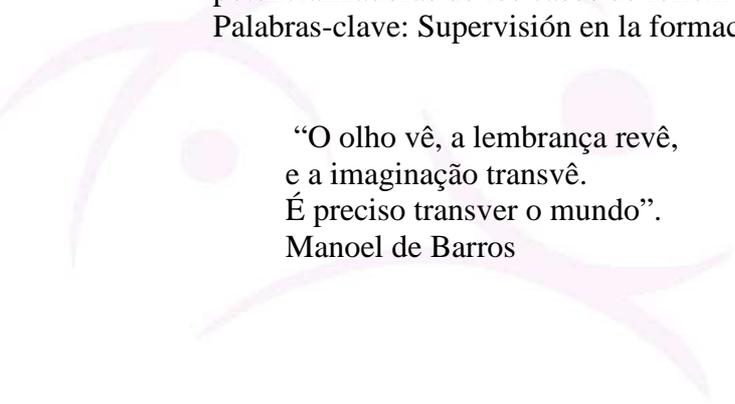
This paper is about the supervised in the initial training of teachers of Physical Education, with the production of records of activities through the production of photographic images and oral narratives. We present and discuss some evidence of learning and produced by experienced academics. Thus, it is hand launched a methodological strategy that sought to articulate the records produced by scholars, emphasizing the role of photographic images as potentates of cases of reflection of experience.

Key-Words: Supervised training; photographic images; narratives.

RESUMEN

Este trabajo es acerca de la supervisión en la formación inicial de profesores de Educación Física, con la producción de registros de actividades a través de la producción de imágenes fotográficas y narraciones orales. Se presentan y discuten algunas pruebas de aprendizaje producida por los académicos. Por lo tanto, es parte lanzó una estrategia metodológica que pretende articular los registros producidos por los académicos, haciendo hincapié en el papel de las imágenes fotográficas como potencializadoras de los casos de reflexión de la experiencia.

Palabras-clave: Supervisión en la formación; imágenes fotográficas; narraciones



“O olho vê, a lembrança revê,
e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo”.
Manoel de Barros

Nos últimos anos presenciamos, no âmbito da pesquisa em Educação, um intenso debate sobre a formação de professores. Esse movimento tem influenciado o processo de proposição e formulação de políticas públicas objetivando reestruturar o sistema educacional brasileiro e, de maneira especial, redefinindo processos de formação inicial e continuada de profissionais da educação, notadamente a formação de professores.

Quando se busca referência nas diversas pesquisas produzidas sobre a formação de professores, percebe-se que os resultados demonstram a permanência de alguns “velhos” problemas/dilemas nos cursos de graduação de formação de professores, ainda denominados licenciaturas, dentre os quais se destaca: a complexa relação teoria prática que, via de regra, se constitui numa dicotomia entre esses dois campos da experiência formativa refletindo-se na separação entre ensino e pesquisa; a desvinculação das disciplinas de conteúdo formativo específico e as pedagógicas; bem como no distanciamento existente entre a formação acadêmica e as questões colocadas pela prática docente nas escolas (PEREIRA, 2006: 57).

No âmbito da formação profissional em Educação Física, os anos 90 se constituíram num campo fértil para o debate acadêmico e a instauração de processos de mudança curricular dos cursos de graduação. Um conjunto significativo de investigações sobre os problemas pertinentes à formação inicial do professor de Educação Física e sua prática pedagógica foram realizadas, dentre as quais algumas se voltaram para o tema do estágio curricular supervisionado (ANDRADE FILHO, 2001; BORGES, 1998; FIGUEIREDO, 2004; FIGUEIREDO 2008; GARIGLIO, 2006; SILVA, 2005; SILVA; AROEIRA; MELLO, 2005, SCHERER, 2008)

Os estudos que se debruçaram sobre o estágio curricular supervisionado coincidem em tomá-lo como *locus* privilegiado na formação de professores de educação física, sendo considerado como tempo formativo para a aprendizagem do *ser* e *tornar-se* professor através do estabelecimento de uma aproximação qualitativa entre a realidade e a simulação do fazer pedagógico do professor.

Nessa perspectiva, o estágio se configura como uma das vivências de aprendizagem e construção do *pensamento prático* do professor no seu processo formação e, como prática, encontra-se

num equilíbrio difícil e instável entre a realidade e a simulação: por um lado, deve representar a realidade da aula, com suas características de incerteza, complexidade e conflito; por outro lado, deve proteger o aluno-mestre das pressões e riscos da aula real, que excedem a sua capacidade de assimilação e reação racional. (...) deve ser um espaço real onde o aluno-mestre observa, analisa, actua e reflecte sem a inteira responsabilidade do prático sobre os efeitos geralmente irreversíveis das suas ações. (PÉREZ GÓMEZ, 1996, p. 110)

Este artigo inscreve-se na perspectiva de diferentes grupos de trabalho e de pesquisas que consideram o estagio um importante componente curricular no processo de formação de professores e as experiências vivenciadas nas instituições escolares como potencialmente decisivas na formação da identidade docente (SCHERER, 2008).

Ao considerar o estágio como um tempo e um espaço privilegiado de aprendizagem da docência, isto é, uma oportunidade singular para a constituição da profissionalidade e da identidade docente, buscamos dar centralidade aos sentidos atribuídos pelos acadêmicos à uma experiência vivenciada no âmbito desse componente curricular. Para tanto, lançou-se mão de uma estratégia metodológica que buscou

articular os registros produzidos pelos acadêmicos, dando ênfase ao papel das imagens fotográficas como potencializadoras dos processos de reflexão da experiência¹ vivida.

A seguir, apresentamos uma breve discussão sobre o papel das imagens na sociedade contemporânea, sobretudo as imagens fotográficas, e como as mesmas podem nos auxiliar a (re) pensar as práticas formativas que têm lugar em um currículo de formação de professores de Educação Física, mais especificamente a produção de saberes e conhecimentos discentes/docentes no estágio curricular supervisionado.

Limiares da Imagem

As discussões e reflexões sobre a presença das imagens na sociedade contemporânea são numerosas e abarcam diferentes campos de conhecimento². As imagens são superfícies que buscam tanto apresentar como representar algo. Para Flusser (2002), as imagens pretendem representar algo que está “lá fora no espaço e no tempo”. Para o autor, as imagens são o resultado de um esforço de se abstrair duas das quatro dimensões de espaço-tempo, para que se conservem apenas as dimensões do plano. As imagens têm sua origem na imaginação - “A imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens”(p.7).

De um modo geral, podemos considerar que vivemos em um contexto social onde as imagens se fazem presentes em cada um e em todos os meios da comunicação humana. Como diz Samain (2006), as imagens povoam o universo da comunicação humana desde a fala até informática.

Por outro lado, é inegável a consideração de que prevalece entre nós o consumo de imagens como uma das principais formas de interação no e com o mundo. Nossas vivências com diferentes imagens sejam elas fotográficas, televisivas ou cinematográficas, se dão, na maioria das vezes, de forma fragmentada, fugidia, espontânea, enfim, de modo automatizado, como nos lembra o célebre Chance, personagem principal do filme “Muito Além do Jardim”³.

Numa atualização de algumas reflexões de Benjamin, Flusser (2002), argumenta que as imagens são mediações entre o homem e o mundo. “O homem “existe”, isto é, entretanto o mundo não lhe é acessível imediatamente”. As imagens têm o propósito de representar o mundo. No contexto social contemporâneo as imagens deixam de ser *mapas do mundo*, que expressam a experiência coletiva, e se transfiguram em *biombos*, que representam uma vivência individual.

O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. (FLUSSER, 2002: 9)

¹ Aproximamos-nos da noção de Experiência formulada por Benjamin (1994). O autor toma a experiência como a partilha coletiva de memórias e práticas comuns. Para o autor, a narrativa expressa uma das formas singulares de produzir e compartilhar a experiência.

² Nesse texto dialogamos com o campo da Antropologia Visual, sobretudo com as produções do professor Etienne Samain (UNICAMP), e com autores como Vilen Flusser, Walter Benjamin e Roland Barthes.

³ Being There, trad. *Muito Além do Jardim*. Direção de Hal Ashby, EUA, 1979.

Nesse sentido, é possível pensarmos numa experiência formativa dos sujeitos que se concretiza através de sua mediação e interação com as imagens? É possível e necessário reconstruirmos o lugar das imagens entre nós? É possível tomarmos as imagens fotográficas como elementos potencializadores de uma reflexão de sentidos estendida e alargada? A fotografia pode instaurar um movimento reflexivo de *sentir o que se vê* e *pensar o que se sente*? De que modo imagens fotográficas podem nos auxiliar a (re) pensar as práticas formativas que têm lugar em um currículo de formação de professores de Educação Física, mais especificamente a produção de saberes e conhecimentos no estágio supervisionado?

Antes de discutirmos essas relações pensamos ser importante apresentarmos algumas considerações sobre a natureza da imagem fotográfica.

Samain (2006) baseando-se nas proposições de Phillippe Dubois (2007) apresenta-nos uma instigante compreensão da fotografia. Para ele:

A imagem *fotográfica* é uma *inscrição*, uma marca, uma pequena queimadura de luz sobre nitratos de prata; sempre o *índice* de um real, e que não existiria sem o seu referente. Posso tocar a imagem fotográfica, apalpá-la. Ela tem uma textura, um peso, uma materialidade, mesmo se ela é, também, achatada, bidimensional, corte e golpe no tempo e espaço. (SAMAIN, 2006: 54)

Nessa perspectiva, a imagem fotográfica pode ser tomada como uma possibilidade mimética do real e, ao mesmo tempo, uma (des) construção do real (Dubois, 2007).

Ainda em relação à natureza das imagens fotográficas, tomaremos emprestados alguns eixos interpretativos de Bruno e Samain (2006), com o intuito de analisar a produção imagética dos acadêmicos do estágio curricular. São eles:

- a) Toda imagem (um desenho, uma pintura, uma fotografia, um fotograma de cinema, uma imagem em vídeo...) é portadora de um pensamento, isto é, carrega consigo e veicula um pensamento, pelo menos do autor que a fez.
- b) Toda imagem, por sua vez, nos faz pensar e sempre nos oferece algo para pensar: por vezes um estrato/pedacço do *real*, ou uma faísca de *imaginário* para sonhar.
- c) Toda imagem é “*uma forma que (se) pensa*”, isto é, independente de nós, as imagens seriam *formas* que, entre elas, se comunicam e dialogam.

Maurício Lissovsky (2006), em um instigante texto que trata das relações entre a fotografia e a História nos escritos de Walter Benjamin, desafia-nos a entendermos a fotografia como um objeto que contrai o acontecimento e o exprime na forma cristalizada da mônada. A imagem fotográfica como mônada expressa algo que se encontra “lá fora” no espaço-tempo. Condensa as dimensões de tempo: passado, presente e futuro. A fotografia é, ao mesmo tempo, irrupção e congelamento. Ainda segundo Lissosky:

Na fotografia, os dois modos da temporalidade – a fugacidade e a interrupção – evidenciam-se como o

problema das condições de visibilidade: problemas de aura e da centelha. A foto oscila entre aquilo que lhe escapa e isto que nela se infiltra. (LISSOVSKY, 2006: 26)

No tocante ao processo de leitura e interpretação das imagens fotográficas, dada a sua natureza, o significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista. Para Flusser (2002) deve-se permitir a vista “vaguear” pela superfície da imagem. Para o autor:

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o “antes” se torna “depois”, e o “depois” se torna o “antes”. O tempo projetado pelo olhar sobre a imagem é o eterno retorno. O olhar diacroniza a sincronicidade *imagética* por ciclos. (FLUSSER, 2002:8)

No entanto, esse processo pode garantir apenas uma apreensão superficial do significado da fotografia. Se procuramos capturar aquilo que escapa e aquilo que se infiltra na imagem fotográfica, devemos “mergulhar” na fotografia.

Barthes (1984) destaca a multiplicidade de leituras da imagem fotográfica e o modo como uma imagem pode animar seu espectador. Na relação que se estabelece entre a fotografia e o espectador, dois movimentos distintos se apresentam: um da imagem em direção ao observador e outro do observador em direção a imagem. Ao primeiro movimento, Barthes denominou *studium*. O *studium* se refere aos pontos sensíveis, às marcas que partem da fotografia e atingem o espectador, chamando-lhe a atenção. No segundo movimento, denominado *punctum*, a ação/reação parte do espectador e o leva a acrescentar alguma coisa à foto. Segundo Barthes “O *punctum* é aquilo que eu acrescento à foto e que, no entanto, já lá está.” (p.82) É da tensão entre o *studium* e o *punctum* que acontece uma nova leitura da imagem.

Gostaríamos de acrescentar, ainda baseando-se em Bruno e Samain (2006), que as imagens fotográficas também podem ser tomadas como telas, fundos vazios capazes de engendrar, ora formas visuais, ora verbais, ora escritas. Para os autores, a palavra nasce da imagem e a escrita é uma imagem. Parece-nos importante, portanto, atentarmos para o poder de enunciação das imagens quando articuladas às palavras.

Partindo dessas reflexões iniciais, apresentamos a seguir, inicialmente o contexto institucional onde se desenvolveu as atividades de três acadêmicos que participaram do estágio curricular supervisionado em um curso de Licenciatura em Educação Física. Em seguida apresentamos o percurso metodológico construído para apresentar e discutir os sentidos atribuídos pelos acadêmicos à experiência vivenciada nesse componente curricular.

Contextualização da Proposta de Estágio Curricular Supervisionado em um Curso de Licenciatura em Educação Física

Na instituição formadora em questão o estágio curricular supervisionado é realizado a partir do 5º semestre e se prolonga até o 8º e último semestre. O estágio realizado no 5º e 6º períodos do curso tem o caráter de *estágio de docência* e procura

oferecer experiências que possibilitem aos alunos mobilizarem conhecimentos e comportamentos construídos nas suas trajetórias de formação, empreendidos em ações de regência de turmas da Educação Básica.

As turmas do 5º e 6º períodos são divididas em quatro grupos, cada um deles sob a orientação de um professor da instituição. O professor-orientador exerce a função de mediador didático, fazendo intervenções no processo, propondo questionamentos e reflexões, organizando a troca de experiências e opiniões entre os agrupamentos de estagiários e estabelecendo pontes com o conhecimento científico, sempre partindo de questões que emergem da prática.

Os grupos desenvolvem as atividades do estágio em diferentes escolas públicas parceiras, sendo acompanhados nas respectivas escolas pelos professores-orientadores. As atividades acontecem semanalmente, dentro do turno de aulas dos acadêmicos, com carga horária de 4 horas/aula por encontro. Os estagiários organizam-se em pequenos grupos (duplas, trios ou quartetos, de acordo com a demanda). Cada pequeno grupo fica responsável por ministrar aulas para determinada turma ao longo de todo o semestre. Dentro de seus pequenos grupos, os estagiários revezam-se nas funções de *regência*, *apoio à regência* e *registro*. O dia-a-dia das aulas do estágio é registrado no *Caderno de Docência* do grupo, documento que se assemelha a um diário de campo, onde o relato dos acontecimentos é acompanhado de reflexões e análises.

Na tentativa de aproximar os estagiários das potencialidades formativas da escrita e, ao mesmo tempo, qualificar a produção dos registros dos grupos sob a orientação do professor-orientador no estágio, no ano de 2007, apresentou-se aos alunos a possibilidade de uma forma alternativa de produção dos *Cadernos de Docência*. Sugeriu-se aos grupos que passassem a produzir seus relatos no formato de um blog⁴. A principal justificativa do convite é que se pode perceber que muitos dos estagiários, em seu cotidiano, faziam uso de diferentes linguagens digitais, sobretudo e-mails e orkut. Para Zabalza (2004) a consolidação e conseqüente democratização das tecnologias de informação e comunicação reforçam a possibilidade de utilização de *diário digitais* tanto como um recurso de acompanhamento do processo de trabalho pelo professor, como uma estratégia de compartilhamento das experiências entre os alunos.

Neste texto apresentamos e discutimos a experiência de estágio a partir dos registros⁵ da prática desenvolvida pelos acadêmicos (as) Luciene, Helbert e Sinval, do 6º período-manhã, que atuaram sob a orientação de um dos autores deste artigo, no segundo semestre de 2007, em uma escola Municipal da Cidade de Ibitiré, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte.

Luciene, Helbert e Sinval desenvolveram um projeto de ensino denominado *Esportes de Raquete* com duas turmas de 4ª série do ensino fundamental. O trio produziu um *Caderno de Docência Digital*, no formato de blog, que tinha como objetivo descrever e analisar o processo de trabalho desenvolvido.

Construindo uma Cartografia Verbo-Visual das Aprendizagens da Docência

Com o objetivo de sistematizar o processo vivenciado pelos acadêmicos no estágio revisitou-se o blog dos acadêmicos e a partir do conjunto de imagens

⁴ O Blog é uma página da web, publicada na Internet e de caráter público, cujas atualizações chamadas *postagens* são realizadas com frequência e dispostas em ordem cronológica inversa, podendo ser escritas por uma ou mais pessoas.

⁵ Os registros foram postados no Blog que recebeu a seguinte denominação: <http://esportesraquetes.blogspot.com/2007/10/03-de-agosto-de-2007.html>

fotográficas produzidas por eles e disponibilizadas no *Caderno de Docência Digital* selecionou-se, aleatoriamente, oito imagens. Em seguida, realizou-se a impressão das imagens a serem disponibilizadas aos acadêmicos.

Seis meses após o encerramento das atividades de estágio, retomou-se o contato com os acadêmicos, convidando-os a realizarem uma nova “avaliação” do processo vivenciado por eles. Pretendia-se que os mesmos pudessem falar das experiências vividas no estágio a partir de algumas imagens retiradas do blog por eles produzidos.

Dentro da disponibilidade apresentada pelos acadêmicos foram agendadas três conversas individuais. As conversas aconteceram numa sala de aula do prédio onde funciona o curso de Licenciatura em Educação Física.

Em cada um dos encontros apresentou-se as fotografias aos alunos, solicitando que produzissem um arranjo visual que os permitissem contar suas experiências e aprendizagens no estágio curricular a partir das respectivas imagens. As três conversas foram registradas em áudio em um equipamento de *mp4* e também em vídeo através de uma câmera fotográfica digital. Posteriormente, o material áudio-visual foi transcrito e textualizado. Os textos transcritos e textualizados foram apresentados aos acadêmicos para que os mesmos pudessem, caso necessário, complementá-los.

A seguir apresentamos os arranjos visuais e as respectivas narrativas orais produzidas pelos acadêmicos.

Arranjo Visual Produzido pela Acadêmica Luciene



Narrativa da acadêmica Luciene

Nós pretendíamos trabalhar o tema esportes de raquete com as crianças. Fizemos a escolha e o planejamento em sala de aula e sugerimos o tema aos alunos. Foi uma novidade para eles. A primeira foto me lembra a aula que fizemos em sala. Como não havia raquetes para todos, pedimos aos alunos que trouxessem papelão e construímos uma raquete para cada um deles. Essa foto me lembra a empolgação das crianças em construir seu próprio material. Dessa forma, todos poderiam participar.

Essa foto já apresenta os alunos realizando algumas práticas. Nessa foto as meninas estão jogando tênis de mesa com o material que foi construído por elas. Os alunos perceberam que não era preciso ter o material oficial para se jogar.

No dia do tênis de mesa também não tinha mesa para todo mundo, então algumas meninas jogaram no chão. Nesse dia, alguns alunos esqueceram em casa ou perderam as raquetes. Eles pegaram algumas garrafas PET que estavam jogadas na quadra e construíram/improvisaram raquetes. Eles jogaram e participaram como se estivessem com as raquetes de verdade.

Nessa outra foto dá pra ver no rosto das alunas a alegria que elas estavam de participar da aula. O que me chama mais atenção nessa foto é a fisionomia das crianças. Essa aluna aqui então... veja como ela está toda empolgada!

Nessa outra foto dá pra ver a mesma coisa. Veja a concentração dos alunos. Veja como eles estão concentrados na atividade.

Nessa foto a gente vê os desenhos dos alunos. Pedimos para eles registrarem as aulas e eles fizeram desenhos que representaram as aulas que foram trabalhadas com eles.

Já a última foto me lembra os momentos em que nós dávamos nossas aulas. Era comum os alunos das demais turmas ficarem da janela das salas nos observando por um bom tempo. Às vezes até as professoras ficavam observando. Acho que as aulas chamavam atenção por ser diferentes, apresentarem temas diferentes.

No início do estágio nós pensávamos que seria muito difícil trabalhar dessa maneira. Nós imaginávamos que seria muito difícil desenvolver essa proposta numa escola pública. Achávamos que os alunos não se interessariam. Mas nós decidimos insistir e com o tempo percebemos que era possível, que os alunos e até mesmo as professoras se envolveram.

Arranjo Visual Produzido pelo Acadêmico Helbert



Narrativa do Acadêmico Helbert

Bom, essa primeira foto aqui me lembra o lugar, a escola. Outro dia eu estava visitando nosso blog e vi essa imagem, e me lembrei do espaço que utilizamos. Me lembrei das surpresas que tive nesse espaço... coisas que aconteceram que nós não esperávamos.. coisas que surgiam de uma hora para outra. Então, eu vejo essa imagem e me lembro... como ficou marcado esse lugar por tudo o que aconteceu aqui.

Essa segunda imagem; acho que é da segunda aula. Nós trabalhamos a construção das raquetes. Nós fomos para essa aula com dúvidas se os alunos iriam aceitar uma aula em sala, se eles iriam se envolver com a construção das raquetes. Quando a aula terminou percebemos que eles se envolveram. Então, essa foto mostra os alunos construindo as raquetes. Algumas crianças fizeram raquetes com mais detalhes. Tô olhando aqui... alguns alunos fizeram bordas coloridas, outros preencheram as raquetes com três camadas de papelão...outros colocaram cabos mais longos. Foi um processo criativo dos alunos.

Aqui, nessa foto dá pra ver duas alunas praticando com as raquetes.

Nessa outra foto os alunos estão utilizando as raquetes que construíram e jogando tênis de mesa.

Ah! Nessa foto aqui eu estou vendo os alunos com as raquetes de Badminton e me lembro como eles ficaram surpresos com esse material. Para muitos era a primeira vez que tinham contato com essa material... como eles ficaram eufóricos para praticar, para jogar, para rebater com a bola, foi impressionante!

Essa outra foto também mostra os alunos jogando... nós dividimos a quadra com cones e entregamos as raquetes para eles. Me lembro que nessa aula cada dupla estava rebatendo com bolinha de plástico, com a “petequinha” do badminton, outros rebateram até com bolinhas de papel.

Nossa intenção é que todos pudessem vivenciar o movimento, a prática.

Essa outra foto eu me lembro bastante. Nessa aula acho que não tinha raquete para todos os alunos. Alguns alunos ficaram sem raquete. Nós íamos fazer um rodízio. Daí eles pegaram uma garrafa que estavam no canto da quadra, amassaram e começaram a jogar. Quando eu vi, tentei chama-los para a atividade mas eles disseram: “Professor aqui tá legal!” Foi criatividade deles. Lembro-me que ficamos surpresos.

Já essa última foto é mais do período final do estágio. Nós pedimos aos alunos para desenharem o que eles haviam aprendido em nossas aulas, do que eles mais gostaram. Surgiram vários desenhos. Nessa foto o aluno desenhou uma das aulas em que nós utilizamos cones para dividir os campos de jogo. Nessa aula, alguns alunos jogaram com as raquetes, outros com as mãos, eles jogaram como quiseram.

Quanto a minha aprendizagem no estágio; em primeiro lugar nós escolhemos o tema em sala de aula com os alunos. Na faculdade não tivemos a disciplina Esportes de Raquete. Então, nós tivemos que estudar um pouco... prá falar para os alunos sobre os esportes de raquete: as diferentes modalidades, como poderíamos trabalhar na escola. Eu me envolvi bastante com o tema. Por outro lado, alguns alunos nos marcaram. Nós comentamos sobre isso até hoje. Como foi nosso contato com os alunos, a surpresa e o envolvimento com o tema. Então

foi assim: eles aprenderam e nós aprendemos junto com eles. Foi uma troca, entendeu?

Arranjo Visual Produzido pelo Acadêmico Sival



Narrativa do Acadêmico Sival

Bem a primeira imagem selecionada me traz bastante lembrança... a escola. Ele me remete para o cenário de nosso trabalho. Desde o primeiro contato pudemos perceber que é uma escola de portas abertas. Isso nos chamou muita atenção. É uma imagem fantástica e me faz lembrar que quando dávamos aulas os outros alunos acompanhavam nossas atividades da janela. Essa é uma imagem das mais fortes.

Num segundo momento podemos perceber pela foto que a Educação Física não acontece somente no pátio ou na quadra. Nós conseguimos realizar algumas atividades em sala. Nós levamos os materiais para sala e os alunos escolheram o tema a ser trabalhado. A foto seguinte apresenta a criação do material a ser utilizados pelos alunos. Isso é muito interessante. Nesse momento, nós fomos meios “armados” para a aula, pensando: “Será que os meninos vão gostar disso? Apesar deles terem escolhido o tema?” Nós estávamos inseguros. Mas os alunos nos surpreenderam. Eles demonstraram que gostaram da proposta. Isso nos desarmou e nos fez pensar na necessidade de acreditarmos mais em nossas propostas.

Em seguida nós temos imagens da prática. Os alunos vivenciaram o tênis de mesa e o badminton. Muitos deles não conheciam essas praticas e puderam vivenciar e experimentá-las.

A gente pode perceber o sorriso de muitos, aquele prazer de praticar o que foi proposto.

E uma última foto que selecionei e acho muito marcante é essa que demonstra como os alunos são capazes de criar. Como eles são capazes de improvisar e transformar uma garrafa PET numa raquete para participarem da atividade. Eles queriam participar e arrumaram um jeito para isso. Isso me chama muita atenção.

Eu destaco a primeira e a última foto. Na primeira, a escola de portas abertas, num cenário ao mesmo tempo assustador e acolhedor. É por que a escola está situada, literalmente, num “buraco”, numa vila. Quando você chega ao bairro, você vai descendo, descendo, descendo... Daí a pouco você avista a escola. No início era um ambiente assustador. Só que com o passar do tempo a gente percebe o seguinte: na escola as portas estão abertas, são os próprios alunos que são os porteiros. Nos finais de semana a escola é aberta para a população, então não tem pichação, não tem nada disso na escola. Quando nós escolhemos essa escola, ficamos sabendo que o lugar era perigoso – mas ao mesmo tempo foi gratificante... A escola tem as portas abertas, né? Eu me perguntava: que lugar é esse que é perigoso, que é assustador, que está numa vila, mas ao mesmo tempo tem as portas abertas para a comunidade, você não vê brigas, não vê confusão. Você vê todo mundo envolvido com o processo... Então, essa é “a foto”!

Já a última foto mostra o quanto os alunos são capazes e estão dispostos a interagir, com vontade de participar.

No estágio eu aprendi que é possível aprender e que é possível ensinar. Mais do que o conteúdo que foi ensinado, eu acredito que o maior aprendizado é acreditar que é possível ensinar. Se nós tivermos coragem de encarar, de enfrentar, o trabalho é produtivo e vale a pena. É possível o aprendizado, é possível o ensino, é possível o trabalho em equipe. O que mais fica é isso... algo que vai além do conteúdo que foi ensinado.

Imagenspalavras, Palavrasimagens: saberes e experiências

A produção do conjunto de arranjos visuais articulados às narrativas orais possibilitou a rememoração e a reconstrução dos percursos formativos vivenciados por Luciene, Helbert e Sinval ao logo do semestre que frequentaram a disciplina de estágio. Nesse contexto, baseando-nos em Benjamim (1994) podemos considerar que as narrativas encontram-se intimamente relacionadas ao ato de rememorar, entendido como o exercício de despertar a possibilidade de ressignificação da própria experiência através das memórias conscientes e inconscientes prenes de significados, sentimentos e imaginação.

Nesse momento, mais do que tentar explicar ou traduzir esses percursos formativos nossa intenção é buscarmos algumas pistas ou indícios das aprendizagens produzidas e vivenciadas pelos mesmos.

Portanto, o convite que fazemos nesse momento é de procurarmos *transver* as experiências vividas pelos acadêmicos e buscarmos refletir de que modo imagens fotográficas e narrativas podem nos auxiliar a (re) pensar práticas formativas que têm lugar nos currículos de formação de professores de Educação Física, mais especificamente a produção de saberes e conhecimentos no estágio supervisionado.

Ao retomarmos os eixos interpretativos apresentados por Bruno e Samain (2006), podemos perceber que a primeira proposição dos autores está inscrita nos arranjos visuais e nas narrativas. Luciene, Helbert e Sinval são autores das imagens fotográficas que compõem esse texto e que foram produzidas no contexto de realização do estágio. Essas imagens carregam e veiculam consigo pensamentos. Pensamentos que foram, inicialmente, expressos no blog. Imagens que carregavam e expressavam

pensamentos dos estagiários acerca daquele momento singular experimentado pelos mesmos.

Ao produzirem os arranjos visuais e as respectivas narrativas os acadêmicos puderam expressar o modo como cada um percebeu e atribuiu sentidos ao estágio. O conjunto de imagens que compuseram os respectivos arranjos visuais ofereceu aos acadêmicos a oportunidade de *rever*, repensar e reconstruir a experiência do estágio. Nesse sentido, cada um dos arranjos visuais pode ser tomado como um *mapa*, construído de modo singular pelos estagiários, e que revela um determinado percurso, uma síntese das aprendizagens, dos saberes e conhecimentos produzidos pelos mesmos.

Ao considerarmos os arranjos visuais como mapas é importante retomarmos as contribuições de Barthes (1984) sobre as possibilidades interpretativas das imagens. Assim, percebemos que cada um dos acadêmicos inicia sua narrativa a partir de um ponto, um determinado *studium*, que se configura a partir do conjunto das imagens que compõem o arranjo. À medida que as narrativas se desenvolvem os estagiários elegeam “*punctuns*” – em alguns momentos as fotografias que compõem o mapa, em outros apenas estratos, faíscas dessas imagens – que manifestam as relações que cada um construiu com a experiência do estágio.

No tocante aos saberes e conhecimentos produzidos pelos estagiários, inicialmente destacamos a presença dos estudantes/alunos em um número significativo das imagens produzidas e escolhidas para a composição dos arranjos visuais. Os arranjos visuais e as narrativas expressam um conjunto de saberes e conhecimentos que se constroem a partir do reconhecimento da condição sociocultural dos estudantes. Podemos perceber um movimento por parte dos acadêmicos de considerarem os estudantes como sujeitos que também produzem conhecimentos nas aulas. Nesse sentido, as narrativas demonstram uma mudança na postura dos estagiários: eles vão deixando de ocupar apenas o lugar de “*quem ensina ou demonstra*”, para ocupar também o lugar de quem “*constrói com*”.

Portanto, parece-nos que é a partir desse ponto – o reconhecimento e a centralidade da condição sociocultural dos estudantes – que se configuram os processos de ensino das práticas corporais, nesse caso os esportes de raquete. Vale ainda destacar que o tema proposto/escolhido era novo tanto para os acadêmicos quanto para os estudantes. Isso demandou um processo de estudo e planejamento coletivo do trio que pode ser expresso nos estratos das narrativas de Helbert e Sinval:

Quanto a minha aprendizagem no estágio; em primeiro lugar nós escolhemos o tema em sala de aula com os alunos. Na faculdade não tivemos a disciplina Esportes de Raquete. Então, nós tivemos que estudar um pouco... prá falar para os alunos sobre os esportes de raquete: as diferentes modalidades, como poderíamos trabalhar na escola. Eu me envolvi bastante com o tema. Por outro lado, alguns alunos nos marcaram. Nós comentamos sobre isso até hoje. Como foi nosso contato com os alunos, a surpresa e o envolvimento com o tema. Então foi assim: eles aprenderam e nós aprendemos junto com eles. Foi uma troca, entendeu?

Acadêmico Helbert

No estágio eu aprendi que é possível aprender e que é possível ensinar. Mais do que o conteúdo que foi ensinado, eu acredito que o maior aprendizado é acreditar que é possível ensinar. (...) É possível o aprendizado, é possível o

ensino, é possível o trabalho em equipe. O que mais fica é isso... algo que vai além do conteúdo que foi ensinado.

Acadêmico Sinval

Variadas interpretações e compreensões podem ser produzidas a partir da observação da leitura dos arranjos visuais e das narrativas produzidas por Luciene, Helbert e Sinval; mas certamente o entrecruzamento de tempos, de sentidos e a forma como tais experiências tornaram-se significativas para cada um dos acadêmicos nos levam a refletirmos sobre outras formas de se pensar a formação de professores e junto com isso, reinvenções das práticas e do cotidiano da escola.

Referências

- ANDRADE FILHO, N.F. Formação Profissional em Educação Física Brasileira: uma súpula da discussão dos anos de 1996 a 2000. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol.22, n.3, p.23-37, maio 2001.
- BARTHES, R. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BORGES, C.M.F. *O Professor de Educação Física e o Saber Docente*. Papirus: Campinas, 1998.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. 10ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas I – Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BRUNO, F; SAMAIN, E. Imagens de Velhice, Imagens da Infância: formas que se pensam. *Caderno Cedes*. Capinas, Vol.26, n. 68, p.21-38, jan./abr. 2006
- FIGUEIREDO, Z.C.C. *Experiências Sociais no processo de formação docente em educação física*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- FIGUEIREDO, Z.C.C. Experiências Sociocorporais e formação docente em educação física. *Movimento*. Vol. 14, n.01, p.85-110, janeiro/abril de 2008.
- FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- GAGNEBIN, J. M. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GARIGLIO, J.A. Professores de Educação Física de uma Escola Profissionalizante e a sua Cultura Docente: as interconexões entre saberes da base profissional e o campo disciplinar. *Pensar a Prática*. Vol. 9, n.2, p.249-266, jul./dez. 2006.
- GERALDI, C. M. G. *et al. Cartografias do trabalho docente*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- LISSOVSKY, M. Sob o signo do “clic”: fotografia e História em Walter Benjamin. In: Bianco, Bela-Feldman; Moreira Leite, Miriam L. (Orgs). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. 5ª Edição. Campinas, SP: Papirus, 2006
- PEREIRA, Julio E. D. *Formação de professores*. Pesquisas, representações e poder. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.
- PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antônio. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia. 1996.

SCHERER, A. O Desafio da Mudança na Formação Inicial de Professores: o estágio curricular no curso de licenciatura em Educação Física. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, 2008. 210f.

SILVA, E. M. Limites, Desafios e Possibilidades do Estágio supervisionado Escolar/FSV: em busca de uma ação coletiva em escolas da Rede Municipal de Vitória/ES. In: Figueiredo, Z.C.C. (Organizadora) *Formação Profissional em Educação Física e Mundo do Trabalho*. Vitória: Gráfica da Faculdade Salesiana, 2005.

SILVA, D.M.C.; AROEIRA, K.P.; MELLO, A.S. O Papel do Estágio Supervisionado no Processo de Formação Inicial do Professor de Educação Física. In: Figueiredo, Z.C.C. (Organizadora) *Formação Profissional em Educação Física e Mundo do Trabalho*. Vitória: Gráfica da Faculdade Salesiana, 2005.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. SOLIGO, Rosaura. (Organizadores) *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

ZABALZA, Miguel A. Diários de Aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004

Admir Soares de Almeida Junior

Mestre em educação pela PUC-MG. Doutorando em educação pela FE/UNICAMP. Professor dos cursos de Educação Física do ISEAT/ Fundação Helena Antipoff e da PUC-MINAS.

Rua Manoel Miranda, 282, Apto. 201, União. Belo Horizonte, Minas Gerais.

Cep. 31170.440

admirsoares@yahoo.com.br

Tecnologia de apresentação: Datashow

Grupo de Trabalho Temático: GTT Formação Profissional – Campo de Trabalho

Guilherme do Val Toledo Prado

Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP. Coordenador do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação continuada.